

OS PORTUGUESES NAS MEMÓRIAS DE CASANOVA

I

A leitura do encantador romance de Henry de Régnier — *Le Passé vivant* — suscitou-me ha anos a curiosidade de lêr as Memórias de Casanova.

Poucas obras haverá de tão má reputação e, na verdade, a fazer juízo pelos excerptos que, em numerosas edições mais ou menos clandestinas, fazem as delícias dos adolescentes e senis amadores de literatura pornográfica com os relatos minuciosos de scenas da mais requintada lubricidade, há razões de sobra para que todos aqueles que na leitura procuram sensações bem diferentes se afastem com repugnância daquela *olla podrida*.

Até certo ponto, porém, a qualidade dos leitores é que faz a reputação dos autores e, se até a divina nudez de obras primas de pintura e de escultura não deixa de sofrer a afronta de contemplações indignas, não admira que uma obra que, no dizer do próprio autor, é dum cinismo excessivo e ultrapassa todos os limites que as conveniências impõem à indiscição, recrutando a maior parte dos seus leitores entre aquele público de mórbidos apetites, tenha sido relegada para os mais recônditos desvãos das bibliotecas e haja até certo pudor em falar dela deante de pessoas que se prezam.

Mas atrás dos leitores viciosos, veio outra camada de leitores, a dos eruditos e investigadores, e quem hoje com uma sã curiosidade tiver a coragem de levar ao fim integralmente os seis ou oito compactos volumes destas memórias nas suas edições mais conhecidas (Rosez, Flammarion, Garnier) ficará, apesar de tudo, com a convicção de ter lido o mais precioso livro de memórias do século XVIII, o documento mais vivo e mais palpitante duma época tam atraente mesmo nos aspectos aparentemente mais frívolos da sua vida galante e libertina.



Estas Memórias escreveu-as Casanova nos últimos anos da sua vida no Castelo de Dux, na Boémia, do conde de Waldstein, que para lá o levava como bibliotecário e deviam compreender todos os acontecimentos da sua vida até 1797.

Publicadas pela primeira vez numa tradução alemã pelo editor Brockhaus, de Leipzig, de 1822 a 1828 com o título — *Aus den Memoiren des Venetianers Jacob Casanova de Seingalt*, o manuscrito original, em poder do editor, era entretanto confiado a um professor de francês em Dresde, Jean Lafargue, que corrigiu, alindou e expurgou o texto de passagens demasiado livres e de numerosos italianismos e, assim revisto, foi publicado em 12 volumes de 1826 a 1838. Pode esta edição portanto considerar-se a edição *princeps* das Memórias.

Começaram então a levantar-se dúvidas sobre a sua autenticidade. O erudito e probo bibliófilo Jacob atribuiu-as nada menos do que a Stendhal, pois revelavam nitidamente o seu espírito, o seu carácter, tinham as suas ideas e o seu estilo.

Na mesma esteira tinham seguido anteriormente Ugo Foscolo e Querard, até que em 1881 Armand Baschet publicou na conhecida revista de bibliófilos *Le Livre* sob o título — *Preuves curieuses de l'authenticité des Memoires de Jacques Casanova de Seingalt* — uma série de artigos tam concludentes que ninguém ousa hoje pôr em dúvida que elas são realmente o relato fiel, verídico e completo do mais complexo aventureiro do século XVIII.

De então para cá, em todos os países onde êle deixou rastros da sua passagem, apaixonados casanovistas têm-se esforçado por corroborar com as suas investigações a absoluta exactidão e completa veracidade das mais curiosas passagens das Memórias.

E quem as tiver lido acha perfeitamente justificável o interesse que elas despertam. Incapaz de assistir num só terreno, elege para campo das suas aventuras a Europa inteira e assim vemo-lo sucessivamente na Itália, na Grécia, na Turquia, em França, na Holanda, na Alemanha, na Austria, na Suíça, na Inglaterra, na Espanha, na Russia, na Polónia...

Em todos estes países, êle esteve em contacto, travou relações e por vezes contraiu laços da mais estreita amizade com os personagens mais célebres e mais em evidência da

época, o papa Benedito XIV, Luís XV, a marquesa de Pompadour, Jorge III de Inglaterra, Frederico o Grande, a famosa Catarina da Rússia, José II de Áustria, o cardeal de Bernis, Metastásio, Voltaire, Rousseau, Fontenelle, d'Alembert, Crébillon, Haller. Por baixo destas celebridades e ligados mais intimamente à complicada trama da sua vida surge-nos uma galeria inesgotável dos tipos mais representativos e característicos da sociedade do seu tempo, personagens da indole mais diversa, sérios e honestos uns, outros da reputação mais duvidosa, políticos, diplomatas, sábios, gente de negócios, cómicos, jogadores, espadachins, nigromantes... E então no *belo sexo*, nas suas paixões, nas suas amantes, nas suas conquistas passageiras e fúteis devaneios que variedade excepcional! Cândidas donzelas, freiras, moças do povo, damas da mais nobre estirpe, atrizes, bailarinas, cortezãs...

Não quis o destino que Portugal fôsse visitado por Casanova, como anos depois o foi pelo aventureiro cosmopolita de igual jaez, o não menos célebre Cagliostro.

Em 1760 declara-se incumbido duma missão secreta de Sua Majestade Fidelíssima em Augsburgo e para êste fim vai entender-se com lord Stormon, ministro da Inglaterra na côrte da Baviera; anos depois, quando esteve em Madrid, era seu propósito vir a Lisboa onde contava demorar-se e porventura conseguir um emprêgo.

Não veio, felizmente. Mas nas suas Memórias há inumeras alusões a Portugal, nelas perpassam com frequência compatriotas nossos e dentre dêstes dois se destacam simpaticamente curiosos, que bem merecem um estudo de comprovação análogo ao que diligentes investigadores têm levado a cabo noutros países.

Quero referir-me ao discreto, subtil e amável padre Gama, *l'abbé Gama* que Casanova conheceu em Roma logo no começo da sua carreira e que daí em diante lhe anda ligado em vários episódios da sua vida — e Paulina, a misteriosa Paulina de Pall-Mall, pensionista de Casanova, com a qual se passou «la plus piquante aventure d'amour et de bienfaisance que je connaisse», como diz nas suas «Mélanges» o príncipe de Ligne.

* * *

Antes, porém, de tentar averiguar o que há de verdade e que confiança nos pode merecer o que sobre estes nossos

*

portugueses referem as suas Memórias, parece-nos indispensável sumariar cursivamente a vida do célebre aventureiro, entre nós tam pouco conhecido.

Em 1723 estava escriturado no teatro de San Samuele em Veneza, onde dançava e representava comédias, um tal Caetano José Casanova, parmesão, homem bem nascido, com certa instrução, emfim com dotes muito superiores à mediocre condição a que o tinham reduzido a má sina e as suas paixões.

Este Casanova, com efeito, era pertencente a uma nobre família, oriunda de Aragão, a qual contou homens notáveis na milícia e nas letras; êle porém, degenerando da sua preclara estirpe, teve uma mocidade tempestuosa, abandonou os seus e, depois de viver alguns anos com uma actriz chamada Fragoletta, foi obrigado à mingua de recursos, a fazer vida como actor. Resignado com a sua situação, alugou em Veneza uma casa modesta defronte da qual vivia uma linda rapariga, Zanetta, filha do sapateiro Farusi.

Apaixonou-se a sério pela rapariga e o seu amor foi correspondido; mas, se quis que o patriarca de Veneza lhes desse a benção nupcial, teve de a raptar, pois como comediante nunca teria obtido o consentimento paterno. O pai finou-se de desgosto, a pobre mãe muito chorou; mas os dois esposos nunca se deram mal e da sua união nasceram seis filhos — o mais velho, Giacomo, o nosso herói, em 1725, seguindo-se-lhe Francisco, bem conhecido pintor de batalhas, e João que morreu em Dresde, director da Academia de Pintura.

Quando o marido lhe morreu em 1702, Zanetta Farusi, que se fizera também atriz, deliberou prosseguir na carreira para que mostrava decidida vocação e, como era grandemente favorecida pela sua mocidade e pela sua beleza, não lhe faltaram contractos vantajosos, o que lhe permitia dar aos filhos uma boa educação. Levando, porém, a vida errante dos cómicos italianos, partiu para a Rússia, deixando os mais velhos entregues aos cuidados da avó, e sob o patrocínio dos nobres Grimani e do célebre poeta Baffo, amigos da família a quem o pai, ao morrer, tanto os recomendara. Como em Veneza, para quem não nascia patricio, a carreira eclesiástica era a única via de acesso a situações mais vantajosas, foi decidido que o mais velho, Giacomo, se fizesse padre e para isso collocaram-no em pensão em casa do bom dr. Gozzi afim de, habilitado em humanidades, se poder matricular na célebre universidade da Pádua.

Deu muito boa conta de si. Com a sua viva inteligência,

raro poder de assimilação e portentosa memória, em breve sabia mais do que o mestre; a sua ânsia imoderada de saber, a sua curiosidade insaciável não o deixavam confinado no limitado âmbito dos estudos clássicos, pretendia abraçar todos os conhecimentos humanos — matemática, história, filosofia, sciências, nada lhe era indiferente e assim foi adquirindo, um pouco tumultuariamente, a vastíssima e copiosa erudição de que tanto se ufanava e o gosto pela cultura do espírito que sempre o acompanhou nos numerosos avatares da sua complicada carreira.

Em 1739 o patriarca de Veneza tonsurou-o e, passados poucos meses, conferiu-lhe as quatro ordens menores.

Aos 15 anos, como o nosso Garrett, estreou-se no púlpito e a graça e a desenvoltura, com que se apresentou, fizeram tal sucesso que, quando no fim do sermão lhe apresentaram a bolsa das esmolas, viu-a cheia de sequins e bilhetinhos de amor.

Em Pádua não houve estudante mais estudioso nem mais azougado, mas com grande facilidade conseguiu formar-se *in utroque jure*.

Voltou à pátria e, sem abandonar o seu propósito de avançar na carreira eclesiástica, caindo na graça do senhor de Malipiero, é por este relacionado com uma sociedade escolhida e finamente epicurista.

Daqui por diante a sua vida é uma abalada constante para Citera, umas vezes arrastando ingénuas, outras de braço dado com cortezãs *rouées* e frequentemente embarcando as belas aos pares, num só amplexo, estratégia da sua tática libertina que sempre empregou com êxito admirável. Não podia fugir ao destino — *volentem ducit, nolentem trahit*, tal era a sua divisa — destino que a herança e o meio lhe haviam traçado.

Não se esqueça o leitor de que estamos em Veneza, na galante e libertina Veneza do século XVIII, onde, se oficialmente o Carnaval ia dos Santos à Quaresma, a vida ociosa, fútil e solta de grande parte da sua gente era como que um perene baile de máscaras.

A avó morrera, sua mãe estava muito longe, em Varsóvia; então à solta, sob a frouxa autoridade de Grimani, não houve desatino que não cometesse, vendo-se o tutor obrigado a interná-lo no seminário de S. Cipriano, e como daqui ainda não saísse doutrinado, a encerrá-lo numa prisão mais dura, no forte de S.^{to} André.

Entretanto sua mãe conseguira elevar à dignidade epis-

copal — do que não eram capazes as actrizes no século XVIII! — um frade mínimo que conhecera em Varsóvia, com a promessa dêste lhe tomar conta do filho e encaminhá-lo às mais altas dignidades da Igreja. O bispo de Martorano — tal foi a diocese que a pedido da actriz a rainha de Nápoles lhe alcançou — toma conta do rapaz e lá o manda ir ter com êle à Calabria.

O nosso arcebispo de Braga tinha à sua mesa vaca e riso — o pobre prelado de Martorano nem isso; na sé, cheia de fiéis, as mulheres pela sua fealdade horrorizavam-o, os homens eram estupidos e grosseiros.

— «Não me sinto com vocação para aqui morrer mártir. Dê-me a sua bênção e deixe-me ir embora ou antes, partamos juntos e em qualquer parte do mundo seremos mais felizes do que nesta triste terra». —

O bispo abençoou-o, deu-lhe o viático para a jornada, cartas de recomendação para Nápoles e ei-lo a caminho desta cidade, quarenta horas depois de ter chegado a Martorano.

Em Nápoles foi feliz. Um parente rico que por acaso descobriu, Dom António Casanova, radiante por êle lhe ter demonstrado que os Casanovas da Itália estavam estreitamente ligados aos Casanovas da Saragoça, hospedou-o em sua casa, vestiu-o com esmero, deu-lhe ricos presentes e o *petit abbé*, petulante, garrido, com a sua veia poética, com os seus ditos, com os seus repentis, andava nas palminhas da melhor sociedade e chegaram a querer apresentá-lo à rainha, honra a que prudentemente se esquivou, pois, conhecendo-lhe esta a mãe actriz, lá ficava comprometida a sua nobreza.

Partiu de Nápoles para Roma vivamente recomendado ao cardeal Acquaviva e uma vez na *cidade eterna* parece que poderia emfim exclaimar — *viam inveni*.

O cardeal tomou-o logo ao seu serviço e assim ficou em contacto com o nosso compatriota padre Gama, com o qual manteve daí por diante as estreitas relações que constituem um dos objectos especiais dêste estudo e de que o leitor encontrará adiante desenvolvido relato.

Admitido ao convívio doutros purpurados, encantou-os pela facilidade e elegância com que versejava; as suas odes eram excelentemente metrificadas, compunha madrigais duma graça fina e discreta — ia criando emfim uma reputação extremamente lisongeira e pelo próprio papa Benedito XIV era sempre tam benignamente acolhido que sua eminência

não dissimulava as esperanças no rápido avanço do seu fâmullo.

Por outro lado o amor continuava a coroá-lo de rosas. Na intimidade que forçosamente se estabelecia naqueles tempos entre os que viajavam em comum, ficou conhecendo a bela D. Lucrécia, casada com um amável advogado, homem de muito mais idade e modelo de maridos complacentes, o qual, da mesma forma que lhes permitiu as scenas tam vivas que amenizaram a jornada de Nápoles a Roma, era agora o primeiro a impedi-los, a êle, moço e atrevido — a ela, abraçada, num ardor inextinguível, para as noites de amor de Frascati e de Tivoli e para os *colóquios sentimentais* no sumptuoso cenário das vilas Ludovisi e Aldobrandini.

Mas a vida de Casanova é uma densa e emaranhada floresta cortada por uma larga avenida: quando mais seguramente parece avançar por esta, os jogos do amor e do acaso, o seu temperamento, às vezes tudo isto junto, empurram-no para a *selva oscura*, donde só a muito custo consegue desembrilhar-se para retomar o perdido trilho.

Foi o que agora lhe succedeu. Nada teve com o rapto de Barbaruccia, filha do Dr. Dalacqua, seu mestre de francês; mas como esta se foi refugiar, disfarçada em *petit abbé* no palácio de Espanha e logo se levantou a suspeita de que Casanova foi conivente nesta intriga, o cardeal bem a seu pesar, viu-se obrigado a afastá-lo de Roma afim de evitar murmurações.

Perguntando-lhe o cardeal para onde desejava ir, como então para êle no mundo só havia Roma e tudo o mais lhe era indiferente, respondeu um pouco ao acaso — Constantinopla! Acquaviva sorriu da escolha, mas entregando-lhe uma carta endereçada a Osman Bonneval, pachá de Caramania, em Constantinopla, para lá o despediu com 700 sequins para a viagem (1).

Pondo-se a caminho, em Ancona, breve lhe esqueceu o paraíso perdido, quando o seu instinto amoroso lhe fez ver no falso *castrato* Bellino a encantadora Teresa Pompeati. Esta, por amor de Casanova, de bom grado retomou o verdadeiro sexo e seguiu-se um terno idílio que esteve para terminar por um casamento. Mas na Romanha defrontavam-se em quartéis de inverno dois exércitos inimigos —

(1) Um sequim equivalia pouco mais ou menos a uma nossa meia moeda.

espanhóis e franceses dum lado, austriacos do outro — que era forçoso atravessar; deram-se peripécias complicadíssimas, os dois amantes separaram-se com juras de amor eterno; por fim, como lhe sequestraram as bagagens e era necessário reformar o seu vestuário, Casanova, talvez seduzido pelo aparato bélico que acabava de presenciar, resolveu atirar com a batina às ortigas, mandou confeccionar uma brilhante farda azul e branca, com dragonas e cordões de ouro e prata, cingiu uma espada e, remirando-se todo garboso, reconheceu que a vida militar era a única que convinha ao seu carácter.

Mal chegou a Veneza, comprou por cem sequins um lugar de ajudante no regimento de Bala, com a promessa de em breve ser promovido a tenente e daí a pouco embarcava para Corfú ao serviço de Sereníssima República.

Não deixou de ir a Constantinopla entregar ao renegado Bonneval a carta do Acquaviva que o acreditava como homem de letras que ia em missão de estudo e por lá teve êle cómicas aventuras que seria longo referir. Voltou a Corfú, carregado de presentes, e nesta ilha, se com a sua natural sedução e com o prestígio da farda foi felicíssimo nos amores, para ser não menos feliz no jôgo, foi iniciado por um tal Maroli numa arte que até ao fim da vida êle tam largamente utilizou — a de domar as cartas e de corrigir a sorte, «tendo sempre presentes aqueles sábios preceitos, sem os quais os jogos de azar arruinam todos os que a êles se entregam».

Tudo lhe correu bem até ao seu fatal encontro nocturno com a cortezã Melulla, cujos beijos lhe coaram nas veias a peçonha, de que tanto lhe custou ver-se livre e à qual êle atribui todas as desditas que daí por diante o oprimiram.

Nos últimos dois meses passados em Corfú tinha perdido tudo, a saúde, o dinheiro, o crédito, a consideração, o espirito, o bom humor. Voltou à pátria arruinado no físico e no moral e, o que mais feriu o seu orgulho, na posição subalterna em que partira pois fôra preterido na promoção pelo filho bastardo dum patricio, o que o levou, indignado, a pedir a baixa.

Obrigado, porém, a pensar em qualquer modo de ganhar a vida, das suas variadíssimas aptidões, naquele momento, só lhe ocorreu uma prenda que devia ao bom doutor Gózzi, da Pádua e então, metendo a rebecca debaixo do braço, foi direito ao teatro de San Samuele onde o contrataram para a orquestra.

Foi nesta abjecção que, à saída dum baile onde fôra tocar

violino, a fortuna, apiedando-se dêle, lhe fez cair providencialmente nos braços, acometido duma apoplexia, o nobre senador Zuan Bragadin.

Casanova, cheio de solicitude, fê-lo conduzir rapidamente numa gondola ao seu palácio, prestou-lhe os mais oportunos socorros, toda essa noite o velou e enquanto não o viu recuperar a saúde, não arredou pé do leito do enfermo.

— É a êle, só a êle, que devo a vida — repetia Bragadin.

E concebeu pelo tresloucado rapaz uma gratidão infinita, sendo daí em diante, o seu arrimo, o seu protector, o seu pai, como ameúde lhe chama Casanova.

Bragadin tinha dois íntimos, também senadores como êle, Dandolo e Bartolo e aos três unia-os, além do mais, uma paixão comum pelo ocultismo.

Discorrendo sobre a intervenção benéfica de Casanova na doença de Bragadin, não deixaram de a atribuir a influências sobrenaturais e a um poder oculto de que certamente o estirapho rapaz era dotado.

Este, longe de os enganar, saboreando a delicada volúpia de assim se impôr a sua credulidade e compreendendo num relance o enorme partido que poderia tirar, fazendo-se passar por profundamente versado nas sciências herméticas, votou-se sofregamente a estudos cabalísticos e, esgotada em breve a literatura da especialidade, confessou-lhes que na verdade possuía todos os segredos da aritmancia que lhe haviam sido revelados, quando prisioneiro dos espanhóis, por um eremita do monte de Carpegna. Fizeram repetidas experiências e as respostas ambíguas do oráculo, talvez vazias de sentido para os profanos, eram interpretadas pelos três adeptos como revelações divinas, únicas, maravilhosas, verdadeiro tesouro do céu. Utilizando a sua sciência sublime, poderiam descobrir a pedra filosofal, entrar em colóquio com os espíritos elementares, com todas as inteligências celestes e infernais.

Tomou então o partido, confessa êle (1), mais belo, mais nobre, mais natural, que era tirar o maior proveito possível daquela incurável mania para satisfação integral das múltiplas exigências que lhe impunham os seus vinte anos, ávidos de prazer, sedentos de gôzos. Por não depositar nas respostas do oráculo a fé inquebrantável dos seus cândidos amigos, não se segue que fôsse obrigado a privá-los do ino-

(1) *Memórias*, ed. Flammarion, I, 471.

cente passatempo que os enchia de felicidade e por outro lado, quanto ao preço elevado em que êle taxava essas respostas, isso era com êle, tanto mais que a dura experiência da vida — acabava de ser violino numa orquestra — o ensinava a não menosprezar os talentos com que a natureza o dotara.

Tornado desta guisa o hierofante destas três criaturas enfatuadas de vãs quimeras, a sua existência transformou-se por completo e como Bragadin, rico, generoso, grato ao seu salvador, era para êle um verdadeiro mãos rôtas, lançou-se na vida desregrada, frenética, excessiva, que mais quadrava ao seu carácter ardente, à sua inclinação irresistível para o prazer, ao seu amor invencível pela independência, dandinando em Veneza pela *Piazzeta*, sob a arcada das *Procuratie*, na *Merceria* a exhibir as suas deslumbrantes casacas bordadas, as suas bengalas de castão de ouro, os seus anéis, aparecendo em todos os lugares de prazer, onde se pavoneava arrogante, com a bolsa sempre recheada de sequins, indiferente aos comentários que faziam sobre a origem de tão insólita prosperidade.

E Veneza já lhe não bastava. Uma vez para fugir a complicações dos seus enredos, outras levado pelo seu decidido pendor para a vida errante e vagabunda, percorria toda a Itália em incessantes viagens.

Certa ocasião a sua sciência cabalística levou-o a Cesenà a desencantar um tesouro e mal tinham acabado as burlescas peripécias dessa farça de que êle se sai com o maior proveito e costumada desenvoltura, vem ter à sua hospedaria um capitão húngaro, sexagenário, acompanhado dum galante mancebo, também fardado de official.

Repete-se a scena do falso *castrato* Bellino. Casanova descobre sem custo naquele picante *travesti* uma enigmática figura de mulher, duma graça sorridente e que se via logo por certas particularidades não ser uma aventureira vulgar.

Põe de parte todos os seus projectos e liga-se logo ao estranho par acompanhando-o a Parma. De caminho emprega todos os seus meios de sedução e com indizível alegria vê-se correspondido. O húngaro, que já não era para aquelas cavalarias, cede de boamente terreno e entre os três estabelece-se uma harmonia perfeita que terminou por os dois amantes ficarem em Parma e êle seguir o seu caminho. Foi esta a ligação mais doce e mais patética da sua carreira amorosa.

Três meses viveu em Parma com a sua Henriqueta — nome do ex-official — no mais delicioso idílio, que não se sabe

como findaria, se o não vem cortar a aparição dum M. d'Antoine, amigo da família que conseguiu levar para o redil a transviada ovelha em cuja encalço andava há longos meses. Henriqueta pertencia, com efeito, a uma grande casa; por questões de família queriam metê-la num convento, ao que ela tenazmente se opunha e daí a louca viagem naquele disfarce carnavalesco em companhia do velho oficial que facilitara a sua evasão.

A sua separação no hotel *des Balances* em Genebra foi dilacerante e apesar de ela ter gravado com um diamante na vidraça do seu quarto — *Tu oublieras aussi Henriette* — nunca pôde esquecê-la.

Volvidos vinte e dois anos, ao reaparecer-lhe romanesca-mente em Aix, na Provença, propõe-lhe Henriqueta um comércio epistolar e até ao fim da vida manda-lhe aquelas cartas tam impregnadas de ternura que Mr. Arthur Symons teve a felicidade de encontrar por ocasião da sua visita ao Castelo de Waldstein⁽¹⁾, e a última das quais que êle recebeu aos 73 anos e começa — *«Non, il est impossible de boudier avec vous»* . . . , é deliciosa. Termina assim: *Si je deviens vicieuse, c'est vous, mon cher mentor qui me rendez ainsi et je jette mes péchés sur vous. Encore si j'étais damnée, je serai votre tres dévouée amie, Henriette de Schnetzmann*.

A funda impressão que lhe causou a francesa com quem passou três meses de ininterrupta felicidade, a graça e vivacidade de espirito de que ela era dotada e que Casanova julgava apanágio da sua amável nação, foi talvez o que mais lhe aumentou o desejo de conhecer Paris.

Em Veneza era íntimo do dançarino Baletti e como este, pelos seus novos contractos, breve teria que voltar a Paris, abraçou com entusiasmo a idea de entrar nesta cidade de braço-dado com o filho dos célebres comediantes Mário e Silvia, cuja situação excepcionalissima lhe oferecia mil vantagens para a iniciação num meio que já de longe o fascinava.

Filho de actores, foi adoptado pelos Baletti como pessoa de família, e como nesse tempo os *italianos* eram os verdadeiros favoritos da cidade e da côrte, Casanova resolveu simplesmente a divertir-se, numa despreocupação absoluta, não tendo na mente nenhum plano ambicioso, foi represen-

(1) *Mercure de France*, x-1903, Casanova à Dux.

tando também o seu papel de atilado Scaramucci ou de bergamasco,

«tout en chantant sur le mode mineur
l'amour vainqueur et la vie opportune».

e agradou plenamente.

Não vendo senão rostos amigos e sorrisos acolhedores, engolfou-se com delícia na vida fácil, amena, jocunda que lhe proporcionavam as suas habituais convivências, sempre metido pelas caixas dos teatros, palestrando, rindo, compondo poemas, impregnando-se da beleza delicada, haurindo o perfume misterioso desta cidade única no mundo — *la ville par excellence* (II, 280) que toda a vida o encantou com a sua graça inefável.

Graças ao prestígio da famosa Silvia, obteve acesso nos meios mais aristocráticos e finamente cultos da grande cidade — Crébillon encarrega-se três vezes por semana de expurgar o seu francês dos *italianismos* que ao princípio tanto faziam sorrir os seus intercultores; afeiçãoou-se-lhe o abade Voisenon que o apresentou ao «amável e venerando» Fontenelle: em casa de M.^{me} de Graffigny conheceu d'Alembert; tornou-se o oráculo da duquesa de Chartres que lhe prometeu um emprego de 25.000 fr. de renda se a iniciasse nos mistérios da cabala e, finalmente, vem a ser o alcaiete involuntário da amante do rei, a bela Morphy, mercê do retrato que, seduzido pelos seus encantos, lhe mandou tirar e que por acaso foi visto por Luís XV.

Dois anos se demorou em Paris e desta permanência colheu seus frutos, pois volta à pátria correcto e aumentado.

É o mesmo jogador, *iperbolano*, caçador infatigável de *bonnes fortunes*; mas em tudo emprega agora um maior requinte, torna-se cada vez mais irreverente, petulante e atrevido, faz gala de sua impiedade, não respeita o governo, tem relações suspeitas com ministros estrangeiros; conversando com outros libertinos nas *botteghe d'acque* não poupa os homens mais respeitáveis da república com os seus mo-tejos e com os seus sarcasmos; pateia as peças do abade Chiari, atraindo assim o ódio do inquisidor Condulmer, emfim, com os seus desbragamentos e com as suas loucuras vai deixando adensar as nuvens precursoras da terrível tormenta que em breve desabaria sobre a sua cabeça. Porém, de nada dá conta, absorvido pelas suas intrigas amorosas.

Durante meses consagrou-se com a sua costumada veemên-

cia à linda C. C., filha transviada de boa família, que lhe fôra lançada nos braços pelo próprio irmão, libertino sem escrúpulos. Como tantas vezes succedeu ao nosso herói, falou-se de casamento; o próprio Bragadin decidiu-se a i-la pedir ao pai, mas a êste puzeram-se-lhe os cabelos em pé só com a idea de vêr sua filha nas mãos daquele monstro e resolveu imediatamente manda-la para um convento, para o mesmo convento onde era professa a amante do M. de Bernis, embaixador de França, a divina M. M., pertencente a uma família nobilissima que tinha o seu nome inscrito no Livro de Ouro.

O sequestro da sua namorada exacerbou, como era de esperar, a paixão de Casanova, que, conseguindo corresponder-se com a pobre reclusa, passava grande parte do seu tempo na igreja do convento. Foi aqui que soror M. M. o avisou e não tardou muito que irresistíveis afinidades electivas o ligassem a esta beleza loira, dum encanto profundo e enigmático, certamente o tipo mais completo da mulher voluptuosa na vastissima galeria casanoviana, admirável flôr da carne em que o amor físico se sublima e se transfigura attingindo a acuidade e a hisperestesia do de Elena Muti, no *Piacere* de G. de Annúnzio.

As scenas desta ligação são tipicamente venezianas. Ao escurecer soror M. M. saía do convento por uma porta secreta, embarcava na gondola, de *baúta* sôbre o rosto e envolta num amplo dominó que dissimulava não modestos hábitos de freira, mas riquíssimos trajes da maior elegância, quando não preferia ir em delicioso travesti; corria com o amante os theatros, os bailes e as casas de jôgo e ia acabar a noite num sumptuoso *casino* de Murano. A principio, o senhor de Bernis que tudo sabia, espreitava dum gabinete contiguo os jogos lúbricos dos dois amantes, depois tomou parte francamente na folia e por fim com C. C. que soror M. M. conseguiu trazer ao casino, organizaram-se picantes *parties carrées*, verdadeiros assaltos de espírito e de volúpia, como as classifica o príncipe de Ligne.

Entretanto os seus inimigos redobram de actividade, os agentes secretos fazem-lhe visitas domiciliárias, vigiam-no, seguem-lhe os passos constantemente e mandam para a Inquisição do Estado sucessivos relatórios que constituem um formidável libelo.

Emfim certa manhã *messer grande* invade-lhe o domicílio, rebusca papéis, apreende-lhe cartapácios de magia e de astrologia, a Clavicula de Salomão, Zecor-ben, Instrução sôbre as horas planetárias, e metendo-o no meio duma escolta, leva-o

à presença do secretário dos inquisidores, o qual diz olhando-o fixamente: «*E quello, mettetelo in deposito*».

◦ Momentos depois estava encerrado nos *Piombi* (1).

◦ Os primeiros dias passou-os numa prostração absoluta, aniquilado, autómato, quasi inconsciente; depois, pouco a pouco, foi readquirindo o equilibrio, a sua energia latente ia despertando e em breve dominava-o um pensamento único, absorvente, exclusivo — fugir dali embora à custa da própria vida, «a liberdade ou a morte».

◦ Ainda assim passaram longos meses sem nada conseguir. Um dia foi-lhe parar às mãos uma barra de ferro; com uma paciência infinita tornou-a ponteaguda e começou a fazer uma abertura no pavimento. ¡Era um projecto louco! Em breve é descoberto, mudam-no de prisão, mas não lhe apreendem o espontão. Por si só reconhece, porém, que a empresa é irrealizável. Consegue então corresponder-se com um frade patricio, de apelido Balbi, que ocupava uma prisão contígua e pondo-se de acôrdo, planeiam a fuga. Tudo foi previsto e calculado. Na madrugada de Todos os Santos de 1756, dia em que o Palácio dos Doges está deserto, põem em prática o seu projecto.

◦ Com o ferro, que Casanova passara ao frade, êste consegue pôr em comunicação as duas prisões e pratica uma abertura por onde passam para o fôrro do palácio. Aqui levantam uma das pesadas lâminas de chumbo e saltam para o telhado.

◦ Restava-lhes executar a parte mais difícil, isto é, chegar à rua descendo pelo interior do palácio. Não desanimam. Com inaudita coragem, introduzem-se por uma lucarna, arrombam portas, atravessam uma enfiada de salões, exten-

(1) Eram conhecidas por êste nome as prisões do Estado em Veneza por ficarem no Palácio dos Doges imediatamente sob a sua cobertura constituída por grandes placas de chumbo.

Eis o texto da sentença que condenou Casanova, proferida cêrca dum mês após a sua detenção:

21 Agôsto 1755. — Venute a cognizione del Tribunale le molte riffsibile colpe di Giacomo Casanova principalmente in disprezzo della Santa Religione, SS. EE. lo fecero arrestare e passare sotto li piombi.

L'oltrascito Casanova condannato anni cinque sotto li piombi.

Andrea Diedo Inquisitor. Antonio Condulmer Inquisitor.

Antonio Da Mula Inquisitor.

Cf. Salvatore di Giacomo, Trad. ital. de Casanova — *Historia della mia fnga delle prigione della Repubblica di Venezia dette «li Piombi»*. Milano, 1911, Documento IX.

sas galerias e por fim, pela escada principal, desembocam na praça de S. Marcos (1).

Era muito cedo, pouca gente andava pela praça, mas por certo devia chamar a atenção aquele par tão extravagantemente vestido — Casanova, com sua casaca de lustrina cinzenta de ramagens, bordada a prata, colete amarelo, calções de veludo carmesim e tricornio emplumado; o frade em cabelo, atabafado num amplo e soberbo capotão vermelho que o companheiro lhe tinha passado afim de encobrir as suas pobres vestimentas. Quem os visse, certamente os tomaria por libertinos que haviam tresnoitado numa orgia. Sem perder o sangue frio, chamaram uma gondola que à fôrça de remos os conduziu a Mestre.

Em terra firme continuaram a fuga através do território veneto, fuga acidentadíssima durante a qual sucederam peripécias extraordinárias, como a de Casanova procurar guarida e ser caridosamente agasalhado na própria casa do chefe dos esbirros que andava a monte para proceder à sua recaptura. Emfim, depois de mil perigos chegaram à fronteira. ¡Estavam salvos!

(Continúa).

AMADEU FERRAZ DE CARVALHO.

(1) O insigne casanovista francês, Dr. Guéde, que reconstituiu pessoalmente a fuga de Casanova, reduziu por esta experiência decisiva a proporções mais verosímeis o texto das Memórias e afirma por outro lado que ela foi grandemente facilitada pela cumplicidade do nobre Bragadin. Cf. Ed. Maynial, *Casanova et son temps, Mercure de France*, 1911. A tradição desta fuga romanesca tão vulgarizada na Itália ou o conhecimento da sua História publicada por Casanova em 1788, não poderiam ter sugerido a Stendhal a descrição tão viva e tão emocionante da evasão de Fabrício na *Chartreuse de Parme*?